

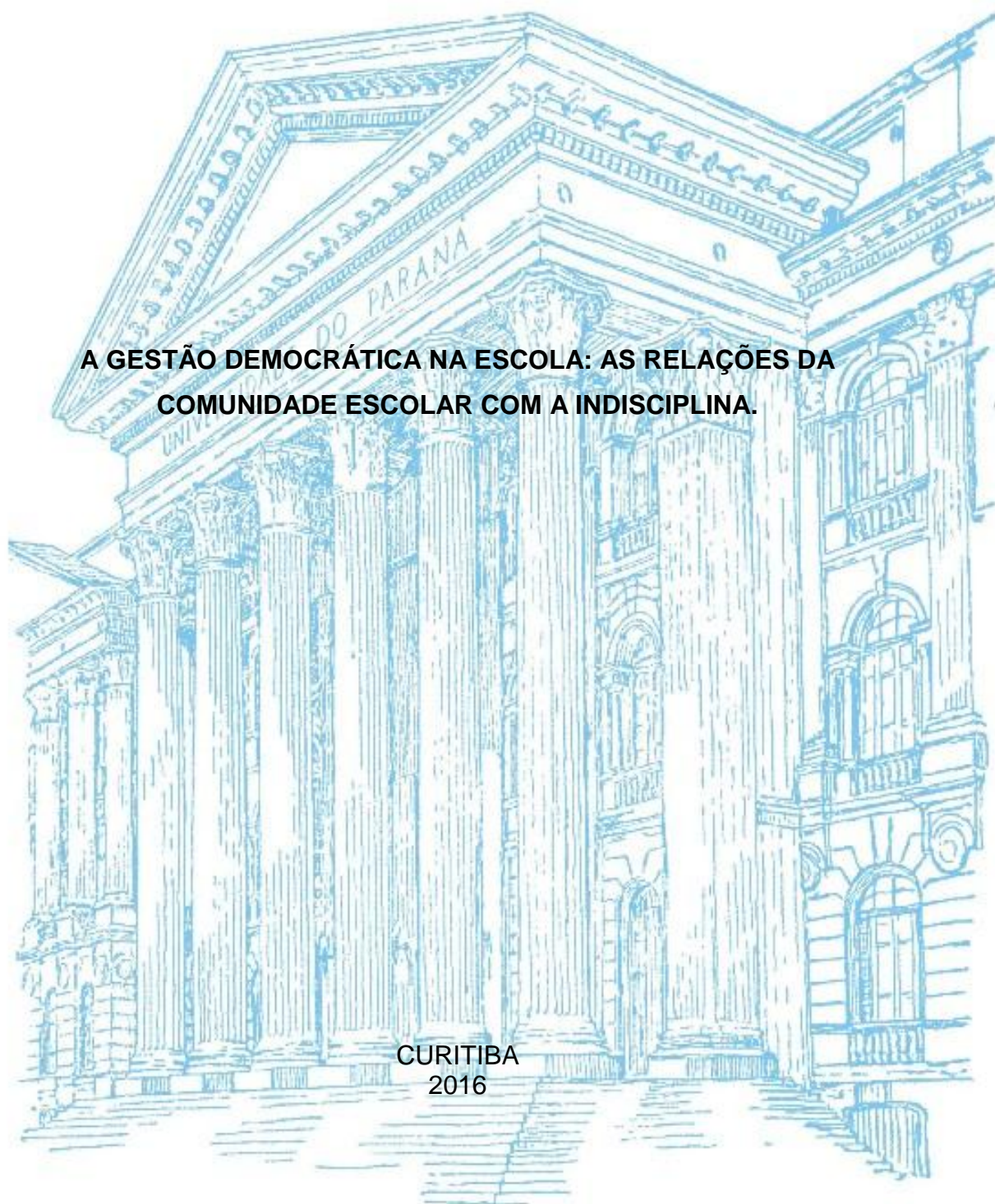
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

IZABEL GONÇALVES DE SOUZA FELICIANO

**A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA: AS RELAÇÕES DA
COMUNIDADE ESCOLAR COM A INDISCIPLINA.**

CURITIBA
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

IZABEL GONÇALVES DE SOUZA FELICIANO



**A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA: AS RELAÇÕES DA
COMUNIDADE ESCOLAR COM A INDISCIPLINA.**

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso de
Especialização em Coordenação Pedagógica,
Setor de Educação, Universidade Federal do
Paraná.

Orientador (a): Adriana Teles de Souza

CURITIBA
2016

A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA: AS RELAÇÕES DA COMUNIDADE ESCOLAR COM A INDISCIPLINA.

IZABEL GONÇALVES DE SOUZA
FELICIANO*

RESUMO

A indisciplina é um dos grandes problemas da escola atual, por conseguinte uma das dificuldades enfrentadas pelos professores e equipe pedagógica, desafio este que nos leva a repensar a efetivação da gestão democrática em nossas escolas. O objetivo desse estudo foi investigar alguns dos fatores que contribuem para a indisciplina em sala de aula, e de que forma a equipe gestora pode promover melhorias nas relações dos envolvidos nesta situação: família, alunos, comunidade e corpo docente. Sendo que para isto baseou-se em consultas bibliográficas sobre o assunto tendo como base os autores Vasconcellos (1994; 1995; 2004) e Aquino (2003), e na análise dos dados provenientes da entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa. Os resultados são apresentados buscando não apontar apenas um responsável pelos atos de indisciplina, mais na verdade buscar soluções, através do entrelaçamento dos interessados na resolução deste problema: o aluno desinteressado que por consequência não aprende o conteúdo, o professor frustrado ou acomodado na realização de suas tarefas e a família omissa ou presente, e este trabalho de ser o elo a entrelaçar os envolvidos de modo ajudarem-se, é da equipe gestora, e deve basear-se nos princípios da gestão democrática.

Palavras-chave: Indisciplina; Família; Escola; Gestão democrática

1. INTRODUÇÃO: INDISCIPLINA, UM DESAFIO PARA A GESTÃO DEMOCRÁTICA

As escolas do passado seguiam um sistema, hoje conhecido como tradicional, onde se exigia dos estudantes um comportamento quase militar, em termo de regras. Até o século XIX, a escola implicava como medida de disciplina o castigo, ou seja, o ensino exigia disciplina e a disciplina exigia castigo (PARRAT-DAYAN, 2008). Quando ocorriam atitudes de indisciplina, os

*Artigo produzido pela aluna Izabel Gonçalves de Souza Feliciano do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Adriana Teles de Souza. E-mail:

castigos, muitos deles físicos, eram aplicados, porém, muitas coisas mudaram nestes últimos 30 anos e hoje a escola não adota mais estas posturas repressivas e violentas de forma física, apesar de existirem outras formas de repressão, como a psicológica ou social, quando se realizam comparações na sala de aula com outros alunos considerados mais comportados, ou quando se deixa uma criança sem intervalo para puni-la pelo mal comportamento, enfim, ainda há muito que se trabalhar neste sentido, porém considera-se um grande avanço a supressão de castigos ou atos de violência por parte da escola, contra o educando.

Com a mudança neste cenário, caminhamos para uma época de valorização da democracia, cidadania e respeito. Sendo assim, a escola não pode e não deve tomar uma atitude contrária a esse avanço da sociedade, pois cabe a ela levar os princípios democráticos à sério dentro do seu projeto pedagógico, tendo como base então, uma gestão democrática, e de fato participativa da comunidade escolar.

A gestão democrática dá significado aos elementos básicos de uma organização, ou seja, o planejamento, a organização do trabalho pedagógico e a avaliação, que são fundamentos para que a gestão se efetive no cotidiano escolar (CARBELLO, 2012).

Sabendo-se que aos administradores escolares é delegada a importância estratégica de catalisadores do movimento democrático (CARVALHO, 2009). Isso significa que os gestores desempenham papéis de coordenadores, motivadores e influenciadores, no compartilhamento das ações do poder público com a família e com os que trabalham na escola e, desse modo, há uma responsabilização mútua pelo ônus da manutenção da escola e da resolução dos problemas educacionais, tais como, o do foco deste trabalho, ou seja, a indisciplina.

Deve-se levar em consideração que “[...] a organização escolar democrática implica não só a participação na gestão, mas também, a gestão da participação em função dos objetivos da escola [...]” (LIBÂNEO, 2004, p. 105) Ou seja, cabe ao gestor abrir as dificuldades da escola, para que em comunidade se ajudem.

E é a insistência neste modelo de gestão que permite a construção de um ambiente escolar saudável, também para os trabalhadores internos da instituição, onde haja,

“Professores preparados, que tenham clareza de seus objetivos e conteúdos; Existência de projeto pedagógico curricular com um plano de trabalho bem definido; Um bom clima de trabalho, em que a direção contribua para conseguir o empenho de todos; Estrutura organizacional e boa organização de ensino e aprendizagem; Papel significativo da direção e da coordenação pedagógica; Disponibilidade de condições físicas e materiais de recursos didáticos, bibliotecas e outros; Estrutura curricular e modalidades de organização do currículo com conteúdos bem selecionados; Disponibilidade da equipe para aceitar inovações, observando o critério de mudar sem perder a identidade”(LIBÁNEO, 2007, p. 302 – 303).

Sem a gestão democrática, este ambiente não é possível, pois não há diálogo, não há troca de experiências, a comunicação não é precisa, as decisões não levam em consideração todas as variantes e a comunidade escolar, se sente desvalorizada, a equipe gestora acaba vivendo em um casulo, sem trabalhar nos propósitos reais das dificuldades da escola, o que reflete, de certa forma, no desempenho do aluno e na indisciplina em sala de aula. Afinal uma das variantes que influenciam a indisciplina é o descontentamento com os envolvidos no processo, e dificilmente se fica contente num ambiente, onde não há a inclusão das vozes. Lembrando que a gestão democrática, ainda deve incluir a família e a comunidade de forma geral neste processo, e não apenas os envolvidos diretamente com a educação.

Neste cenário, reforça-se também a participação das famílias, porque identifica-se que muitas delas vem atribuindo à escola o papel de educar, dificultando dessa forma que a mesma cumpra o seu papel que é o de ensinar. A falta de referência, como normas, regras, limites, pode ser um indicador facilitador dos transtornos no comportamento dos alunos em sala de aula, além da ausência da família na vida escolar dos filhos.

O problema está dado, a indisciplina na sala de aula é um grande desafio a ser enfrentado pelos educadores, uma vez que comportamentos indisciplinados são vistos como obstáculos para uma aula construtiva e agradável (VASCONCELLOS,1994). Os educadores devem desafiar-se diante deste cenário, no intuito de desenvolver práticas pedagógicas que sejam

interessantes a ponto de chamar a atenção do aluno para o conteúdo e a prática educativa, além de esforçar-se para entender o que realmente são atos de indisciplina pela indisciplina, ou se as movimentações em sala de aula são uma forma do aluno participar, ou até mesmo de manifestar a sua insatisfação com a prática pedagógica do professor. Pois é impossível desejar dos alunos um comportamento padrão, sabemos que as pessoas são diferentes, e portanto se comportam e se manifestam de diferentes maneiras.

Sendo que a palavra indisciplina, apresenta uma variável de acordo com o contexto em que se evidencia, e pode ter um significado negativo, como desordem proveniente da quebra das regras pré-estabelecidas pelo grupo (ESTRELA, 1992), pode ser vista também conforme descrito no dicionário da língua portuguesa como “procedimento ou ato contrário a disciplina” (FERREIRA, 2001, p. 384). Mas o que se sabe de fato é que a indisciplina atrapalha principalmente o processo educativo, e dificulta a aprendizagem em si, devendo ser esta a principal preocupação com relação a ela, uma vez que para a escola não é vantajoso apenas que o aluno se comporte, mas, que de fato aprenda o conteúdo e que este faça sentido em sua vida.

Como vimos então, cabe a equipe pedagógica a função de intermediar a relação professor, família e sala de aula, mas muitas vezes não consegue realizá-lo a contento, porque está sempre sendo chamado nas salas para resolver problemas de alunos, ora que bateu, ou xingou a professora, ora que não realiza as atividades, ora que causam tumulto nas carteiras dos colegas, cutucando ou trocando materiais. Contrário a esta situação, quando não há a indisciplina percebe-se uma interação que facilita a relação de professor e aluno, e de aluno com aluno, o que culmina em melhor desempenho na aprendizagem. Quando isso não acontece o aprendizado não acontece, e ambos saem prejudicados, um por não poder exercer sua profissão, o outro por não cumprir a sua função de estudante.

Deste modo apresento as **questões norteadoras** deste estudo: Que fatores contribuem para a problemática da indisciplina em sala de aula? Qual o papel da família neste processo? De que modo a Gestão Democrática dentro da escola pode garantir a mobilização da comunidade escolar, frente aos desafios da indisciplina? Ou seja o **objetivo geral** é o de compreender o papel de cada ente envolvido na problemática da indisciplina, se realmente cada um

faz seu papel, e o que a escola pode fazer para realizar a junção dos envolvidos. Sendo este artigo estruturado no primeiro momento, buscando entender o contexto e os motivos pelos quais a indisciplina ocorre, no segundo momento a importância do envolvimento da família com indivíduo de modo a minimizar os efeitos da indisciplina, e num terceiro momento como a gestão democrática pode atrair a comunidade escolar, de modo a envolverem-se com a problemática.

Ao final foi realizada uma entrevista com um professor e três alunos também do 3^o ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva da cidade de Paranaíba, no Estado do Paraná e com uma família de um destes alunos, além das observações de reações que sempre faço em minha prática como orientadora, nas relações entre família, professor, sala de aula, coordenação, direção, espaço escolar, e como se manifestam no Projeto Político Pedagógico – PPP e Regimento Escolar da escola a Gestão Democrática e participação da Comunidade Escolar.

2. METODOLOGIA DO ESTUDO

A metodologia aplicada nesta pesquisa foi a realização de uma revisão bibliográfica, a aplicação de uma entrevista semi-estruturada no intuito de levantar informações que possam contribuir para o entendimento de ações disciplinares no ambiente escolar, uma breve análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e regimento interno da escola, que possuem as diretrizes que norteiam a gestão da escola, para que se veja, como e se elas se efetivam na prática.

O direcionamento do conteúdo do trabalho foi baseado na técnica de análise de conteúdo, que é um instrumento metodológico utilizado principalmente nas áreas das ciências sociais e servem para desvelar o que está em oculto no texto, ou seja, decodificar a fala do entrevistado. O esquema completo de uma análise de conteúdo, montado por Bardin (1977), possui três fases: a primeira é a pré-análise – escolha dos documentos, formulação da hipótese e delimitação dos objetivos da pesquisa, a segunda é a exploração do material – técnicas específicas direcionadas para o objetivo, e a terceira é o

tratamento e interpretação do resultado (BARDIN, 1977 *apud*, RAMOS; SALVI, 2009).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 COMPREENDENDO A INDISCIPLINA

Exaustiva e desafiadora, a indisciplina representa uma enorme dificuldade para o trabalho dos professores. Existem muitos fatores que contribuem para ela, os levantados por Vasconcellos (1994) se apresentam em cinco instâncias: família, sociedade, escola, professor e aluno, e segundo ele geralmente não se dá apenas por um fator, mas pelo entrelaçamento deles. Ao analisarmos as situações de indisciplina devemos considerar esses fatores.

Ainda outro autor, Amado (2001), citado na obra de Oliveira (2004) apresenta-nos sete fatores: de ordem social e política – racismo, desemprego, pobreza, de ordem familiar – valores familiares divergentes, fatores institucionais formais – espaço físico, horários, organização, fatores institucionais informais – climas de conflito e interação, fatores pedagógicos – metodologia do ensino dos conteúdos, fatores pessoais do professor – valores, expectativas negativas, estilo de manutenção da ordem em sala de aula ou estilo de autoridade e por fim os fatores pessoais do aluno – interesse, adaptação, desenvolvimento cognitivo, idade, hábitos. Enfim, a gestão da escola deve ter em mente alguns destes possíveis fatores da indisciplina, pois na escola muito fala-se sobre o desleixo das famílias com relação aos filhos deixados na escola, porem nestes fatores apresentados tanto por Amado (2001), quanto por Vasconcellos (1994), vemos que o problema, pode ser originário por parte também, por exemplo, da escola desorganizada, ou do professor desmotivado ou descomprometido, da falta de gestão democrática da escola, ou seja, a organização geral da escola: um projeto político pedagógica que reflita os anseios daquela comunidade específica, um plano de trabalho docente condizente com a realidade, um regimento interno que reflita as necessidades da comunidade escolar.

Superando-se a noção de indisciplina como algo restrito ao comportamento do aluno, vemos que o tema requer, segundo Oliveira (2004), reflexão profunda acerca da natureza das relações e das interações que a constituem. Muitas vezes os atos de indisciplina podem caracterizar uma expressão de dificuldade de relacionamentos, com o professor, com a comunidade escolar, com a família, por isso, é importante reprimir, que gestão democrática na escola ajuda a envolver os interessados na aprendizagem, e a resolver o problema.

Deve-se atentar ao fato de que muitas vezes a disciplina é entendida como uma submissão, doutrinação, domesticação, e isto não é verdade, pois como citado na introdução, não vivemos época de militarismo, o conceito hoje se dá como a disciplina sendo o respeito aos limites impostos ao próximo, algo que faça sentido na convivência e na possibilidade da aquisição do conhecimento “sempre que se pensa em disciplina, vem à mente a ideia de limite, mas não limite pelo limite, qual seja, o limite está sempre associado a algum sentido, a alguma finalidade (seja legítima ou não)” (VASCONCELLOS, 1995, p. 25).

Em reflexão sobre o cotidiano da escola onde atuo como orientadora percebo o quanto a indisciplina traz complicações na prática educativa e na relação entre alunos e professores. Há muitos comportamentos agressivos dos alunos, discussões entre eles, desacato aos professores e funcionários da escola e em alguns casos mais extremos, são praticados atos de vandalismo: chutes nos portões, cadeiras, cestos de lixo, depredação de brinquedos do parque. Busco sempre realizar uma intervenção com a equipe gestora, professores, alunos e pais, através do diálogo.

Com números cada vez maiores de alunos, as escolas se deparam mais com problemas relacionados à indisciplina, sobre diferentes aspectos, houve inclusive uma tentativa de legislar para a diminuição do número de alunos na sala de aula, porém com o descomprometimento de nossos governantes com uma educação de qualidade este projeto de lei não foi aprovado, e mesmo a lei que vigora hoje estabelecendo o número máximo de alunos em sala de aula, na prática muitas vezes não é cumprida, como no caso da escola em que atuo, por conta da falta de estruturação para a oferta do ensino público e de qualidade, há mais alunos do que seria o ideal.

3.2 Relação entre a indisciplina e a família

Identifica-se que a cada dia as crianças são dotadas de menos limites impostos pela família, que se colocam como espectadores da situação. Quando na verdade perante a legislação possuem suas responsabilidades, na constituição de 1988 no artigo 205, descreve-se a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada pela e com a colaboração da sociedade [...] (BRASIL, 1988)

O Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu artigo 4^o, também define que Estado, família e sociedade são os responsáveis pelo desenvolvimento das crianças e adolescentes. Sendo assim, legalmente estas instancias devem se ajudar ao mesmo tempo se responsabilizar pelo desenvolvimento pleno da criança, e não apenas a escola ou a família agirem de maneira separadas.

O Projeto Político Pedagógico – PPP da escola também projeta-se para que a gestão seja entendida como um fazer coletivo que leva em consideração a família, a sociedade em que vivemos e suas constantes mudanças, as quais irão influenciar a qualidade e a finalidade da educação. Enfatizam em muitos pontos a participação dos pais na vida escolar de seus filhos.

Neste sentido vemos amplamente que o envolvimento da família é de grande importância na construção dos limites e valores da criança, pois apesar de constituirmos várias relações sociais ao longo de nossas vidas, a família é a instituição que faz o processo de formação inicial, que construirá a base do processo educacional, ético e moral, e da própria formação de identidade do indivíduo.

“Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola [...] a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos. (VASCONCELLOS, 1995, p. 22).

Isso é visualizável na realidade escolar, pois muitos pais, principalmente de escolas onde os filhos estudam em período integral, acreditam que pelo

tempo que eles passam na escola, esta deve se responsabilizar por trabalhar com eles os aspectos de comportamento e respeito, e acabam por esquecer que a escola realmente deve ser parceira neste processo, mas não a única responsável por isso, já que a criança geralmente convive em vários grupos sociais ou recreativos, para Aquino (2003), é impossível negar a importância e o impacto que a educação familiar tem sobre o indivíduo. No entanto, seu poder não é absoluto e irrestrito, uma vez que ao longo da vida, ele terá vivido em outros grupos sociais, que também influenciarão seu processo de formação.

Para Pires (1999), tanto a família quanto a escola mudaram de modo significativo nos últimos tempos. Para o autor, antes a família era cúmplice da escola, ou seja, trabalhavam juntas, porém infelizmente hoje, tem depositado suas funções e delegado suas responsabilidades de educar a escola, que acaba recebendo um aluno, sem limites de comportamento ou noção de regras de convivência e respeito, esta análise não serve para hostilizar a relação da escola com a família, mas para verificarmos que é necessário unir forças para trabalharmos em conjunto.

Assim, nos momentos atuais todos (sociedade, família, escola e professor) acabam tendo que colaborar, cada vez mais, no processo de formação civilizatório da criança. Neste sentido família e escola não podem andar separadamente, nem pouco trabalharem com objetivos contrários.

3.3 O papel da Escola

Com relação a formação do caráter do indivíduo, não há quem tenha nascido indisciplinado ou disciplinado, antes, o comportamento humano é lapidado por absorções, convívios, influências e ensinamentos. E a escola, é um lugar amplamente oportuno para se trabalhar o desenvolvimento de hábitos de socialização, necessários para a vida em comunidade.

O trabalho da escola tem uma repercussão muito maior também: não se trata simplesmente de transmitir determinados conteúdos socialmente acumulados pela humanidade: trata-se além disso de inserir o sujeito no processo civilizatório, bem como na sua necessária transformação tendo em vista o bem comum (VASCONCELLOS, 1995, p. 33).

Sendo que é na escola que se fundem a família, o aluno, o professor, por isso:

“Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente”. (FREIRE, 1997, p.210).

A escola em relação a disciplina, como criadora de condições para aprender, não pode cuidar apenas de fatores e problemas individuais, como forma paliativa de resolver a indisciplina, mas cuidar também de criar um ambiente, um clima, que ajude as pessoas a aprenderem, os valores da convivência e respeito mútuo, a todo tempo. Cada um deve contribuir com o seu modo de ser e estar pronto para ajudar a construir um ambiente escolar estimulante.

Por isso cada vez mais, nós enquanto equipe gestora, devemos fortalecer as relações internas e externas, para apoiarmos os professores,

O que angustia é ver que justamente o tipo de professor que se desejaria ser aberto, crítico, consciente, com uma proposta pedagógica significativa – não querendo reproduzir a prática autoritária, mas não tendo clareza da nova postura – se perde no meio do caminho: na busca de uma postura libertadora acaba chegando a uma postura liberal-espontaneísta (falta de compromisso, de responsabilidade, de disciplina, de conteúdo, etc.) (VASCONCELLOS, 2004, p. 32).

Ou seja, um professor que tem disposição e vontade, mas ao mesmo tempo tem dificuldades de criar uma postura dentro de sala de aula que seja razoável, e sem apoio acaba por tomar um dos lados extremos, reproduzir práticas autoritárias ou desleixar-se, sendo liberal, a ponto de não se importar com a algazarra que atrapalhará a ministração dos conteúdos. Ainda para o mesmo autor, há outra dificuldade com relação aos educadores:

Um dos causadores do enfrentamento da problemática disciplinar é que o educador não dispõe de uma concepção, de um método, de uma ferramenta eficiente. De um modo geral, está marcado pela concepção idealista: tem uma série de ideias bonitas sobre disciplina,

mas não sabe por que não se consegue colocar em prática. (VASCONCELLOS, 1995, p. 17).

Deve-se ter o olhar de cuidar da origem de fato do problema da indisciplina de acordo com cada realidade, e desenvolver ações em cima do foco do problema, se é auxiliar o professor, a família, ou a própria criança que pode ter dificuldades de aprendizagem e por isso não se interessa pelo conteúdo, em casos mais extremos acionar as redes de apoio, como assistência social.

Devendo através da gestão democrática, a escola buscar trabalhar de forma preventivista, afim de não apenas apagar os incêndios causados pela indisciplina, mas desenvolver um trabalho contínuo. Por exemplo, de orientação periódica aos professores e demais funcionários da escola, dando dicas de como reagirem com relação a comportamentos indisciplinados, ou quem sabe, trazendo psicólogos para orientarem os pais nas reuniões bimestrais ou trimestrais, a utilizarem estratégias para darem limites aos seus filhos e educá-los (pois muitos pais se encontram perdidos nesta tarefa), e repetir ou trazer novas orientações para se trabalhar em eventos como Semana da Família, que tem o intuito de promover e fortalecer os elos filhos, pais e escola, orientar os alunos da escola para que tenham claras as regras, manter o ambiente da escola organizado, as agendas e programações estruturadas, a comunicação clara e objetiva, são exemplos de ideias, ligados a gestão, que funcionam, e que devem partir da escola, afim de que a família perceba o interesse da escola em ajudá-los e não em acusa-los. Portanto, trabalhar a disciplina para a escola:

"não se trata de fazer ajustes no velho para que ele permaneça, ao contrário, a perspectiva é dar pequenos passos, mas concretos na nova direção, preparando um salto qualitativo, e fazer com que seja uma mudança duradoura"(VASCONCELLOS, 1995, p. 53)

São as pequenas ações, a atenção e a intenção com as quais elas são feitas que proporcionam a escola o sucesso ao se lidar com este, considerado, mal do século para a educação.

4 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para se verificar na prática como está a percepção dos envolvidos com a indisciplina, foram entregues questionários para três alunos, uma família e uma professora, de uma turma do 3^o ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva em Paranavaí – PR, escolhida justamente por ser a turma com a qual, eu enquanto orientadora, possuo mais dificuldades, e representam o maior número de chamadas para realizar intervenções.

No questionário aplicado a professora, a resposta para a pergunta, sobre qual seria o papel do professor no processo de aprendizagem do aluno foi:

“Somos a ponte entre o aluno e o conhecimento, instigando no aluno o desejo de aprender os conteúdos, oferecendo recursos que agucem a sua curiosidade, despertando neles a vontade de aprender” (FALA DA PROFESSORA, EM 02/06/2016),

Identifica-se nesta fala que a professora tem noção do seu papel de mediador do conhecimento, e motivador para a aprendizagem.

Quando questionada sobre as dificuldades que acredita interferir no processo de ensino e aprendizagem ela não falou diretamente sobre a indisciplina, mais sobre fatores práticos, elegidos como sendo os de ordem social e política, familiar, os fatores institucionais formais e informais e os fatores pessoais tanto por parte do aluno quanto do professor (AMADO *apud* OLIVEIRA, 2004). Descreveu-os assim:

“Ausência da família na vida da criança e da escola; A falta de motivação e **reconhecimento dos professores** pelo trabalho; a **violência** e a falta de respeito dos filhos e também de seus pais, com os profissionais da escola; a **localização física e social da escola** na periferia” (FALA DA PROFESSORA, EM 02/06/2016).

Quanto a pergunta sobre o fato de ela já ter vivenciado a indisciplina na sala de aula e a que fator ela atribuía este acontecimento, relatou,

“Já vivenciei e continuo vivenciando indisciplina todos os dias, percebo que ela vem aumentando, acredito que na maioria das vezes isto acontece porque **as crianças desconhecem regras básicas de comportamento** e mesmo quando ensinadas não obedecem, além disto não têm noção de respeito ao próximo, tanto nas palavras, quanto nos atos de desordem e violência que praticam, vejo que no caso de muitas destas crianças, os pais também não respeitam o nosso trabalho, deve ser por isso não conseguem ensinar seus filhos” (FALA DA PROFESSORA, EM 02/06/2016).

Nesta duas últimas respostas, pode-se identificar que a professora vivencia diariamente atos de indisciplina, e se encontra num estado de desesperança e desmotivação com os quadros de indisciplina, mas ao mesmo tempo não puxa a responsabilidade para si (isto percebo inclusive pelo número de chamadas que há para realização de intervenções nesta turma, por motivos, que poderiam ser resolvidos pela própria professora, tratando-se de comportamento naturais para uma criança, afinal é impossível que elas fiquem sentadas e imóveis em suas carteiras!), e ao mesmo tempo não acredita no desenvolvimento e envolvimento da família neste processo.

Por último, quando questionada sobre quais atitudes adota para minimizar a indisciplina, ela alegou,

“gosto muito de **mudar as atividades** para poder manter a atenção deles no conteúdo, já que possuem pouco tempo de concentração se a atividade for única e maçante, **sempre passo as regras de comportamento no início do ano letivo** e as deixo fixada num cartaz na sala de aula, como por exemplo – Não mexer nos materiais do amigo, sem sua autorização – também **costumo deixar os alunos indisciplinados no fim da aula**, após liberar o restante da turma, para conversarmos sobre as ações de indisciplina que ele praticou naquele dia, e dependendo da situação o deixo sem recreio também” (FALA DA PROFESSORA, EM 02/06/2016).

Vejo que é necessário ser feita uma aproximação de forma mais efetiva com esta professora, para que ela se desenvolva para atuar de forma preventiva, porque ela afirmou passar as regras de comportamento apenas no início do ano letivo – isto é um desafio pois sou apenas uma orientadora, para atender os casos de indisciplina da escola todo, e como a indisciplina torna boa parte do meu tempo, quase não consigo fazer um trabalho de orientação como desejaria, por exemplo, junto a ela em sua hora atividade, conversando com calma e analisando a sua situação de fato. Há na fala dela um ponto positivo, que é o fato dela se atentar a mudança nas tarefas em sala de aula para que as aulas não se tornem cansativas e desestimulantes.

Quanto aos questionários aplicados nos alunos, foram escolhidos três alunos dos vários níveis de comportamento (bom, regular e ruim), demonstrarei as respostas obtidas, caracterizando-os como estudante 1, estudante 2 e estudante 3. A primeira pergunta feita foi: Você sabe quais são as normas estabelecidas pela escola?

“Não jogar comida fora, **não brigar com os colegas, respeitar a tia e a diretora e fazer fila quando der o sinal**” (FALA DO ESTUDANTE 1 EM 02/06/2016). “Eu sei algumas, porque a professora sempre fala pra gente respeitar as pessoas, **não levantar da carteira** e comer toda a merenda do prato” (FALA DO ESTUDANTE 2 EM 02/06/2016). “A gente tem que **respeitar todo mundo**: Deus, a mãe, a professora e todas as tias da escola” (FALA DO ESTUDANTE 3 EM 02/06/2016).

Nas falas percebe-se que os estudantes têm um discurso com relação as normas, eles sabem que devem respeitar-se, mas percebi que ainda faz-se necessário trabalhar com elas mais exemplos práticos de como deve ser este comportamento de respeito, além da tolerância que devem ter, não revidando as brigas e comportamentos agressivos com outra ação igual, mas entendendo quais são as vias corretas para se resolver estes tipos de situação. Percebe-se o fato de que o aluno se refere a sua professora por tia, palavra que determina parentesco, e que mostra certa infantilidade na relação professor e aluno, pois ele diferencia a diretora da escola, o que pode indicar que o aluno perceba a professora com um grau de intimidade e a diretora como um papel de autoridade. Um deles cita, que não se deve levantar da carteira, o que indica, a falta de clareza nas regras, afinal levantar-se é permitido, desde que com o devido respeito, e quando faz-se necessário.

Na segunda pergunta: Na escola todos os estudantes cumprem as normas estabelecidas? As respostas foram:

“Não é todo mundo que faz certo não, **eu obedeco**” (FALA DO ESTUDANTE 1, EM 02/06/2016). “Tem vezes que sim, mas tem vezes que a professora fala que eu sou bagunceiro, porque as vezes os meninos me batem e dai eu brigo também, porque **eu não posso ficar sem fazer nada**” (FALA DO ESTUDANTE 2 EM 02/06/2016). “**Eu sempre me comporto**, faço as tarefas, mas se mexerem comigo, **eu brigo também**” (FALA DO ESTUDANTE 3 EM 02/06/2016).

Os dados grifados refletem a condição masculina na sociedade, com alguns ímpetos de reações violentas contra os outros parceiros de sala de aula. Quanto ao cumprimento das normas no geral, foi visível que tentaram colocar a responsabilidade de alguns de seus maus atos para os outros, dizendo apenas que revidam a situações criadas por outros colegas, mas, nunca por eles mesmos. Dois alunos citaram a palavra “briga”, o que nos faz acreditar que em muitos casos de indisciplina há o envolvimento de vários alunos ao mesmo

tempo, e que em alguns casos extremos podem chegar a vias de fatos provavelmente causados por uma pequena situação, que foi se agravando. Neste sentido a gestão democrática, pode evidenciar o reforço dos laços entre a família e a escola, para que se mantenham sempre em diálogo, pois um problema familiar, pode gerar no aluno diversos comportamentos, inclusive agressivos, sendo que se o professor estiver a par da situação, pode tratar aquele aluno de forma diferenciada durante o momento de dificuldade.

Quando questionados sobre o que a escola representa para eles:

“A escola é boa, eu gosto, porque **eu brinco e aprendo a ler**” (FALA DO ESTUDANTE 1 EM 02/06/2016). “**Gosto de vir pra escola**, aqui é legal, eu **adoro o judô**” (FALA DO ESTUDANTE 2 EM 02/06/2016). “**Eu gosto da escola, mas prefiro ficar em casa** mas como meus pais trabalham não tem como, mas a escola também é legal, a merenda é gostosa, **gosto da minha professora e do judô também**” (FALA DO ESTUDANTE 3 em 02/06/2016)

Indiretamente falam das atividades escolares teóricas, mas percebe-se nas respostas que eles gostam muito das atividades práticas, o que indica que as metodologias de ensino do currículo formal podem e devem ser revistas, visando se tornarem mais atrativas e competitivas com relação as atividades práticas corporais que escola oferta, por ser de período integral, como as oficinas de música e judô.

Quanto as regras que precisam cumprir em suas casas:

“Eu sempre lavo a louça de noite e minha irmã seca” (FALA DO ESTUDANTE 1 em 02/06/2016). “Quando pego o ônibus e chego na minha casa eu solto pipa com os meus amigos da rua, depois minha mãe me chama pra tomar banho e jantar, dai eu assisto novela e vou dormir” (FALA DO ESTUDANTE 2 EM 02/06/2016). “Quando chego da escola gosto de ficar com meu pai, de vez em quando a gente sai pra ele terminar de entregar as coisas com o caminhão, mas quando ele já conseguiu fazer todo o serviço, a gente consegue jogar bola ou soltar pipa, que a gente gosta bastante” (FALA DO ESTUDANTE 3 EM 02/06/2016).

Quanto as responsabilidades que possuem em casa, não houve relato de incentivo a fazerem revisões dos estudos aplicados na escola ou atividades relacionadas a uma tarefa estruturada de fato que delegue uma responsabilidade, neste ponto a escola pode ajudar, orientando a família pra que desenvolvam um método de estudos, e tornem isto um hábito.

O questionário entregue a família de um dos alunos envolvidos na entrevista obteve as seguintes respostas, mediante as questões: Como você vê o papel da escola na vida e na formação do seu filho?

“Acho que a escola é importante, porque o meu filho vai lá para **aprender a ser uma pessoa educada, e ter a oportunidade de ser alguém na vida, ter um futuro melhor do que o nosso**, porque eu não tive as oportunidades que eu vejo que as crianças têm hoje em dia, sempre tive que trabalhar desde nova e só completei o ginásio” (FALA DA FAMILIA EM 03/06/2016).

Identifica-se na fala de modo geral que na teoria, a família sabe o papel da escola, mas no trecho “**serem educados**”, percebemos que esse **educado** retratado conotou sentido, dos limites, respeito, polidez, enfim, assuntos que como já vimos no referencial teórico, é de responsabilidade mais dos pais do que da escola em si, mas também projetam a expectativa na escola, de que nela os filhos ao adquiram conhecimento, consigam promover-se socialmente, no trecho “ser alguém na vida”, o que nos remete a refletir também na falta de oportunidades que os pais ou não tiveram ou não souberam aproveitá-las, para se desenvolverem.

Outro questionamento: Você participa das atividades da escola quando é solicitado? Em quais situações você já participou/foi a escola?

“Sempre tentamos, quando não consigo, meu esposo vem e vice versa, quando os dois trabalham é mais difícil, as vezes minha patroa não consegue me liberar, já me lembro de ter participado de algumas reuniões da entrega do boletim, dia das mães, semana da família, festa junina, eu já tive outros dois filhos que estudaram aqui, e **sempre procurei vir, quando dá**” (FALA DA FAMILIA EM 03/06/2016).

Na fala alegam que procura comparecer quando é possível, num levantamento que realizei na verdade eles pouco comparecem as reuniões com os professores, para acompanharem a desenvoltura de seus filhos em classe, a participação se restringe a momentos de comemorações ou festas.

O terceiro questionamento a família: Quais são as regras que você instituiu na sua casa? Seus filhos cumprem?

“**Costumamos estabelecer as horas pra eles jantar e dormir**, mas que eles sempre tentam escapar, as vezes fazem birra ou ficam

brincando com outros irmãos na hora de dormir, porque ficam no mesmo quarto, é difícil” (FALA DA FAMILIA EM 03/06/2016).

Quanto o estabelecimento das regras em casa, são ao menos as básicas, como horários para comer e dormir, que são essenciais para a sobrevivência, mas pouco ou nada agregam a educação, e desenvolvimento civilizatório e humano, mesmo assim relataram a dificuldades para mantê-las. Não houve relato de incentivo a atividades de responsabilidade frequente, como estudar, ler livro, fazer alguma tarefa domestica leve, organizar seus próprios materiais escolares, enfim.

De fato, os pais demonstram-se um pouco perdidos com relação a tarefa do educar, e há uma oportunidade de desenvolvimento de trabalho ai, por parte da escola, desde que haja, por exemplo, o comprometimento destes pais de comparecerem com frequência nas reuniões escolares, ou como fazem alguns pais mais interessados, comparecerem nos horários de intervalo ou almoço nos seus trabalhos, na escola, para acompanharem o comportamento dos filhos, já que a escola funciona em período integral, e sempre há alguma pessoa da coordenação da escola, nos horários comerciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta revisão bibliográfica e dos questionários, contatou-se que realmente o problema possui uma grande amplitude, e não há necessariamente um único responsável por isso, como quando discutimos o assunto de forma rasa, e tentamos apenas encontrar culpados. É necessário analisar as origens para trabalhá-las e não apenas incriminar os fatores que consideramos serem os responsáveis pela indisciplina.

A princípio este trabalho possuía três **questões norteadoras**: Que fatores contribuem para a problemática da indisciplina em sala de aula? Vimos que não há apenas um fator desencadeante da indisciplina, pelo efeito, mas vários fatores podem influenciar, e eles se dão de formas diferentes em cada realidade, na qual a escola está inserida.

Neste sentido, a instituição familiar na qual a criança possui seus primeiros contatos civilizatórios e humanos, deve integrar-se à escola, para que

ambos continuem o trabalho iniciado na instituição familiar. De que modo a Gestão Democrática dentro da escola pode garantir a mobilização da comunidade escolar, frente aos desafios da indisciplina? Trabalhando na motivação da integração dos interessados no desenvolvimento destas crianças, pais, professores e sociedade como um todo.

Foi perceptível que os alunos de forma geral sabem que devem respeitar o próximo, mas na prática, não conseguem demonstrar em ações este respeito, que por isso devemos trabalhar mais com eles exemplos de situações concretas, é a **hipótese** que se confirmou após as análises.

Podemos ainda cuidar para trabalharmos o fato da indisciplina ocorrido na mesma hora em que acontece, ao menos dos casos mais graves de indisciplina, a professora, por exemplo, disse que retém estes alunos para conversar apenas no final da aula, percebe-se que há pontos de melhoria com relação a participação da equipe gestora para suportar o professor e tentarmos resolver o caso de imediato, já que não há como o professor parar a aula a todo o momento para atender as ocorrências pois o conteúdo ficaria comprometido.

Hoje em dia, atendemos o professor mediante solicitação dele para a equipe, porem até para fazer isto o professor precisa interromper a aula, seria o caso de estabelecermos que ao menos uma vez ao dia passaríamos nas salas de aula e trataríamos os casos de indisciplina leves daquele dia, justamente para evitar que se tornem casos mais graves, pois identificou-se nesta pesquisa que a coordenação pedagógica, pode mobilizar alternativas de agir na prevenção, e não apenas, apagar os incêndios em sala de aula depois que os fatos ocorreram.

Os pais relataram ter pouco tempo para se dedicarem a participação na escola devido as jornadas de trabalho. Porém, vê-se que é possível melhorar a abordagem com eles e que a escola atende os pais em horários de almoço, pois sempre há uma pessoa da equipe para supervisionar a escola neste momento e que pode atendê-los para falarem sobre o desenvolvimento dos filhos.

Aos pais que conseguem ir às reuniões e homenagens, com frequência para trazê-los para a realidade da escola, fazem-se *insights* de ideias que os

levem a refletir sobre sua prática enquanto pai, às vezes levá-los a reflexão, pode ser mais vantajoso que apenas dar palestras.

Os professores apesar de verem estes assuntos na universidade, na maioria das vezes não saem totalmente preparados para lidar com a indisciplina, e acabam se frustrando como profissionais que desejam fazer um bom trabalho, e por isso deve ser amplamente auxiliado, pela equipe de coordenação pedagógica, que em alguns casos já possui mais experiência. Devemos auxiliá-los a lidar com estas situações para que cada vez mais adquiram autonomia e confiança em desenvolver sua aula, e se sintam apoiados pela equipe pedagógica.

O desafio da equipe gestora é de grande magnitude e envolve toda uma rede, por isso deve visar a aproximação da escola com os sujeitos interessados no desenvolvimento destas crianças: família, entidades sociais e de apoio psicológico ou psicopedagógico, temos que trabalhar de forma corporativa e cooperativa ao mesmo tempo. A equipe gestora tem a função de englobar e fazer esse entrelaçamento, afinal, por exemplo, no caso da escola onde atuam as crianças passam em média 9 horas diárias, é necessário que a equipe gestora tome esta responsabilidade para si, não a de fazer tudo, até porque isto seria impossível, mas de envolver-se de maneira efetiva, visando minimizar a indisciplina e os males que ela causa para a aprendizagem.

Não acredito haver receita pronta, cada escola descobre ao seu modo e de acordo com as suas dificuldades em específico, mas sabemos o rumo, que é este, convidar outras pessoas para nos ajudarem nesta empreitada, de conduzir uma escola, rumo ao sucesso e a satisfação dos que nele estão envolvidos, alunos, professores. Já que pelas análises das entrevistas, todos possuem consciência do problema, e tem desejo de resolvê-los, o que falta é a equipe gestora, tomar para si a responsabilidade de ser o elo, que fortalecerá a corrente de luta contra a indisciplina, em nossas salas de aula.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CARBELLO, Sandra Regina Cassol; LOPES, Natalina Francisca Mezzari (Org.). **Gestão do Trabalho Pedagógico**. Maringá: Eduem, 2012.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. **Autonomia da Gestão Escolar: Democratização e Privatização, duas faces de uma mesma moeda**. Tese (Doutorado em Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2005.

ESTRELA, Maria. Tereza. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Porto: Porto, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: Século XXI Escolar**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à aprendizagem educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme. **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. 2004. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdades de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIRES, Dorotéia Baduy. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** Educação & Sociedade, ano XX, nº 66, Abril/99.

RAMOS, Rita de Cássia de Souza Soares; SALVI, Rosana Figueiredo. **Análise de conteúdo e discurso em educação matemática** – Um olhar obre a produção em periódicos Qualis A1 e A2. Apresentado no IV Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática: Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ifhiecem/arquivos/9GT94689598053.pdf> . Acessado em: 25/07/2016.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente interativa em sala de aula.**4. Ed São Paulo: Libertad, 1994.

_____. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.**São Paulo: Libertad, 1995.

_____. **Para onde vai o Professor? Resgate do professor como sujeito da transformação.** 10 ed. São Paulo :Libertad, 2004.